



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 22, n. 1, art. 9, p. 172-197, jan. 2025

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2025.21.1.9>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



O Sucesso na Autoajuda: Uma Análise Discursiva da Obra Quem Pensa Enriquece, de Napoleon Hill

Success in Self-Help: A Discursive Analysis of the Book Think and Grow Rich, by Napoleon Hill

Thiago Barbosa Soares

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

Endereço: Thiago Barbosa Soares

UFT - Avenida NS-15, Quadra 109 - Alcno 14, Norte, s/n
- bloco D - Plano Diretor Norte, Palmas - TO, 77001-090.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 13/11/2024. Última versão recebida em 28/11/2024. Aprovado em 29/11/2024.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo possui o objetivo de compreender como os múltiplos sentidos de sucesso são construídos e, ao mesmo tempo, criam imagens de sujeitos que os consomem. Para tanto, empreende-se no livro *Quem pensa enriquece*, de Napoleon Hill (2020), tomado aqui como um exemplar no qual o discurso manifesta-se textualmente, sendo uma análise na qual os preceitos da Análise do Discurso são postos em marcha através do batimento qualitativo-metodológico entre descrição e interpretação. Assim, mirando no encontro entre os sujeitos e sentidos fabricados como efeitos da discursividade presente na referida obra, pode-se deslindar os mecanismos de produção por meio dos quais a disseminação e aderência desses efeitos tornam o sucesso não apenas altamente atrativo ao grande público, mas também um nicho comercial de fácil divulgação de ideias. Pelo estudo, é possível constatar a predominância, no material selecionado, da formação discursiva meritocrática e suas principais formações imaginárias oriundas do interdiscurso.

Palavras-chave: Sucesso. Literatura de Autoajuda. Análise do Discurso. Quem pensa enriquece. Napoleon Hill.

ABSTRACT

This article aims to understand how the multiple meanings of success are constructed and, at the same time, create images of subjects who consume them. To do so, it undertakes in the book "*Think and grow rich*" (HILL, 2020) taken here as an example in which the discourse is manifested textually, an analysis according to which the precepts of Discourse Analysis are set in motion through the beat qualitative-methodological link between description and interpretation. Looking at the encounter between subjects and senses manufactured as effects of the object's discursiveness, it is possible to unravel the production mechanisms through which the dissemination and adherence of these effects make success not only highly attractive to the public, but also a commercial niche. At the end of this study, it is possible to verify the predominance, in the selected material, of the meritocratic discursive formation and its main imaginary formations arising from the interdiscourse.

Keywords: Success. Self-Help Literature. Discourse Analysis. Think and Grow Rich; Napoleon Hill.

1 INTRODUÇÃO

A literatura de autoajuda é dependente da variedade de sentidos de sucesso. A lista de nomes de livros que se propõem a levar o leitor ao sucesso, em seus inúmeros âmbitos, é relativamente extensa. Do campo religioso ao profissional, passando pelo terreno do investimento financeiro e até o dos relacionamentos, o sucesso é um fetiche altamente chamativo no interior da literatura de autoajuda e discursivamente a conduz como uma sedutora promessa para um futuro melhor. Nas produções de autoajuda, de acordo com Soares, “Uma das características que chama atenção por sua marcante incidência nesse tipo de discurso é a presença de termos, palavras ou expressões de otimismo, que abrangem os seguintes itens lexicais: sucesso, felicidade, paixão, riqueza etc.” (SOARES, 2021, p. 21). Logo, é possível dizer que a construção textual do discurso da autoajuda, através de instrumentos linguísticos específicos, empreende uma arquitetura lexical voltada para a semântica do sucesso, já que arregimenta, conforme demonstra o estudo de Soares (2016, 2017, 2020a, 2021), uma espécie de gramática do sucesso.

No horizonte atual, “o discurso do sucesso é o discurso das classes detentoras dos meios de produção da vida social – geradoras fundamentais das desigualdades e discriminações – discurso esse que é travestido das significações de glória” (SOARES, 2020b, p. 6), e cuja captação é realizada sobretudo pela literatura de autoajuda em conjunto com a mídia (SOARES, 2020b). Ambos são veículos de produção e difusão do discurso de sucesso nos dias de hoje. No entanto, cada qual o expressa por expedientes distintos e, por conseguinte, engendra discursos do sucesso (SOARES, 2016, 2017). Nesse mesmo direcionamento, a observação de Domenico de Masi, de que “[...] há uma hegemonia planetária que tende a fortalecer a idolatria do sucesso, medido em termos de faturamento e lucro” (MASI, 2019, p. 196), é quase uma constatação inelutável do momento vivido por uma sociedade na qual o sucesso é um de seus maiores valores decorrente das constantes reformulações e atualizações que seu discurso representante recebe através do crescente número de obras que o abordam e de incontáveis programas existentes em múltiplas plataformas digitais que o ilustram, para além de outros eventuais fatores sociais não mencionados aqui.

Ao conceber a capilaridade do discurso de sucesso entre seus variados dispositivos de disseminação no corpo social, é necessário apontar para o fato de que sua aderência se dá sobretudo por haver o protagonismo da alta competitividade no interior das relações de

produção da vida capitalista. Com esse chamariz intensificando a performance dos sujeitos no circuito no qual se encontram, a literatura de autoajuda adquire função formativa, já que interpela, pela instrução, não apenas seu leitor, mas também conexões semântico-discursivas, como demonstra Soares (2016, 2017, 2020a, 2021). Diante do desempenho do papel obtido na atualidade por esse tipo de leitura, é possível afirmar que “em última instância, a autoajuda surge não apenas como uma mera mercadoria, mas como uma substituta do pensamento filosófico” (SOARES, 2018, p. 170), porquanto “Esse por não cumprir o papel de esclarecer o sujeito acerca de si, ao contrário, por se deixar trancafiar em livros e cursos acessíveis a poucos, abre espaço para o surgimento de uma literatura que ‘guie’ os que precisam de ajuda” (SOARES, 2018, p. 170; aspas do autor). Ora, a literatura de autoajuda, então, supre uma carência existente em diversos âmbitos de atuação humana, como dito anteriormente, e, por ser relativamente acessível do ponto de vista aquisitivo, traz consigo uma espécie de *facilidade necessária*.

Eis o ápice do ponto de articulação do discurso do sucesso com uma de suas materialidades circulantes: a exigência contínua por crescimento econômico, interpessoal e espiritual manejada pelo conjunto simplificado de dicas, passos e sugestões para alcançar tudo e todos. Esse encadeamento dependente estrutura as possibilidades de dizer o que é o sucesso para sua literatura na medida que, por sua vazão constante, estimula a multiplicidade dos sentidos do sucesso. Portanto, com vistas a compreender como esses são construídos e, ao mesmo tempo, criam imagens de sujeitos que os consomem, empreende-se na obra *Quem pensa enriquece*, de Napoleon Hill (2020), tomada aqui como um exemplar no qual o discurso de sucesso perfaz um caminho textual, uma análise segundo a qual os preceitos da Análise do Discurso são postos em marcha. Tal escolha de textualidade segue os critérios de maior circulação no mercado editorial de livros desse ramo, verificado em sites¹ como Google e Amazon, ensejando a significativa representatividade do material eleito para esta análise discursiva do sucesso. Assim, diante do objetivo fixado nos contornos projetados para este artigo, acredita-se que a qualificada descrição interpretativa do conteúdo da obra mencionada forneça não apenas uma trajetória de leitura verticalizada dessa, como também, por extensão, o acesso aos mecanismos de (re)produção do discurso do sucesso vigente na literatura de autoajuda contemporânea.

¹ Em 30 de dezembro de 2022, o buscador do Google apresentava 869.000 resultados associados a *Quem pensa enriquece* e um demonstrativo de que 95% de leitores gostaram e aprovam a obra. No site da Amazon, há 2.883 avaliações positivas de compradores do título em questão; também nesse domínio virtual *Quem pensa enriquece* é colocado no ranking nº 413 na categoria de Autoajuda.

Para o alcance desse propósito, será mobilizado o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo através dos conceitos de formação imaginária, formação discursiva e interdiscurso, ancorados na compreensão histórico-materialista, desenvolvida segundo a ótica das relações de força existentes no circuito social, do funcionamento dos diversos sistemas comunicacionais. Nessa disposição conformativa, a Análise do discurso distancia-se das tradicionais perspectivas de comunicação (PAVEAU; SARFATI, 2006; PÊCHEUX, 2010; ORLANDI, 2006), segundo as quais uma mensagem é criada, através de um código, por um emissor, e enviada, por um canal, a um receptor, de modo que seu objeto de estudo, o discurso, encontra-se definido por epistemologias relativamente distintas, uma de viés pecheutiana, outra de viés foucaultiana, para as quais o processo comunicativo constitui-se por fatores que ultrapassam o emprego do uso da língua, mas que não lhe prescindem (SOARES, 2020c). Com esses traçados no horizonte heurístico deste artigo, a escolha do ferramental da Análise do Discurso de orientação pecheutiana é a mais congruente com a propositura aqui estabelecida, pois sua própria operacionalização já favorece a percepção de parte da dialética recursiva das relações, ao apontar as fundamentais dissimetrias existentes no conjunto de forças presente na sociedade, cuja virtualização é, entre outras coisas, o discurso.

É por meio do discurso que o significado engendra sentido, já que o primeiro, para os estudos linguísticos, volta-se para a estrutura semântica da *ordem da língua*; e o segundo, para os estudos discursivos, volta-se para o funcionamento comunicativo da *ordem social*. Por isso, o discurso, para a vertente epistêmica aqui adotada, é considerado como “efeito de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2010, p. 81). O impacto em sua investigação gera, entre outras coisas, a necessidade de compreender os efeitos de sentido que um mesmo objeto possua em determinadas condições de sua emergência no processo de comunicação, e como A e B – os interlocutores –, são mobilizados como participantes ativos no encadeamento discursivo, a tal ponto que se tornam também efeitos desse, pois “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo” (ORLANDI, 2012, p. 47) por “Esse verdadeiro ponto de partida, que não é o homem, o sujeito, a atividade humana etc., mas, ainda uma vez, as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 2009, p. 168). E, a partir dessas últimas, por meio do funcionamento discursivo, é possível perceber as formações imaginárias.

Uma vez delineado teoricamente o discurso, para ser possível o emprego dos conceitos de formação imaginária, de formação discursiva e de interdiscurso na análise da obra *Quem pensa enriquece*, é imprescindível partir da descrição apropriada do primeiro desses que, de

acordo com Pêcheux (2010, p. 82), refere-se à atribuição de lugar social que os integrantes do processo discursivo, A e B, fazem cada um do outro e de si, direcionando, por meio desse expediente, determinados sentidos nas interações. Desse modo, “Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 2009, p. 39). Em vista dessa prática fundamentada no dispositivo sociocultural das relações de força, pode-se afirmar, então, que as formações imaginárias, para ser apreendidas em seu caráter dinâmico no interior da estrutura discursiva, carecem da compressão de que funcionam como cálculos² que os sujeitos necessariamente realizam ao entrar em processos comunicativos. Dadas essas particularidades da formação imaginária, sua associação à formação discursiva dá-se por condições de produção do discurso, pois “A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção” (ORLANDI, 2011, p. 132). Portanto, no interior das condições de produção, a formação discursiva conduz as formações imaginárias, de tal modo que, essa contida naquela, estruturam-se mutuamente.

Pode-se então afirmar que a formação discursiva “determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Assim, dentro dessa orientação histórico-materialista da descrição das relações de força no uso da linguagem, “por formação discursiva entende-se um conjunto de representações que não são universais nem individuais, mas dizem respeito, direta ou indiretamente, às posições ideológicas, política, econômica de onde se fala ou escreve” (SOARES, 2018, p. 69). Como um exemplo de parte do funcionamento dessa concepção, tem-se que “O sentido da palavra comunismo em uma dada formação discursiva progressista é positivo porque se contrapõe ao sentido de capitalista” (SOARES, 2018b, p. 109), de outro modo, “em uma dada formação discursiva conservadora o sentido da palavra comunismo é negativo porque se opõe ao sentido de liberalismo” (SOARES, 2018b, p. 109). Diante dessa caracterização no horizonte epistemológico da Análise do Discurso, há maior nitidez do encadeamento matricial dos conceitos capaz de perfazer o projeto teórico-analítico desse campo de investigação, porquanto cada um desses engendra e elabora o outro. Tal qual

² É importante destacar que o cálculo argumentativo presente na formação imaginária é tanto de ordem subjetiva, variando conforme condições específicas, quanto de ordem objetiva, já que diz respeito aos múltiplos segmentos dos quais os sujeitos fazem parte em uma sociedade complexa, de modo que a interação dessas duas componha uma noção psicossocial similar, mutatis mutandis, ao ethos discursivo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). Para o escopo deste artigo, a orientação objetiva da formação imaginária representa seu maior potencial interpretativo, ainda que eventualmente seu aspecto subjetivo possa integrar parte da análise da obra *Quem pensa enriquece* (HILL, 2020).

ocorre com a vinculação da formação discursiva com seu externo heterogêneo, isto é, com o interdiscurso.

Acerca da íntima relação entre formação discursiva e interdiscurso, Pêcheux e Fuchs (2010) explicam “que uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo por aquilo que aí é estritamente não formulável, já que a determina” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 177), de tal modo que o interdiscurso figure como a instância na qual a possibilidade de emergência de sentidos seja uma espécie de entrecruzamento de formações discursivas. Pode-se afirmar, como Orlandi (2007) o faz, que “O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores” (ORLANDI, 2007, p. 20-21). Portanto, o interdiscurso não somente recorta as fronteiras entre formações discursivas distintas e semelhantes, bem como dispensa ao funcionamento discursivo um repositório estruturado por condições históricas de produção, formações imaginárias embutidas em pré-construções e já-ditos, entre outros dispositivos de sequencialidade recursiva presentes no uso e emprego dos sentidos, como é possível verificar, mais adiante, em *Quem pensa enriquece*. Em vista dessa configuração encadeada de conceitos para analisar produções discursivas, resta compreender como os múltiplos sentidos de sucesso são construídos e, ao mesmo tempo, criam imagens de sujeitos na referida obra. Com tal objetivo delimitado, passa-se, então, à seção na qual os conceitos da Análise do Discurso, recenseados acima, são operacionalizados na condução descritivo-interpretativa dos capítulos do livro, conforme a maior vinculação entre o título desses, que o autor chamou de *passos para a riqueza*, e um de seus trechos mais explicativos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Em Análise: *Quem Pensa Enriquece*, de Napoleon Hill (2020)

A obra *Quem pensa enriquece* (HILL, 2020) possui determinadas condições de produção muito expressivas para sua análise discursiva, porque essas se referem tanto ao tempo em que fora publicada sua primeira edição quanto ao seu título original em inglês, passando por elementos presentes na ficha catalográfica do material impresso em sua versão de bolso, além de os demais componentes associados. Diante de tais condições de produção indissociáveis de uma leitura verticalizada do discurso existente em um texto, necessita-se

tocá-las descritivamente a fim de que seja possível compreendê-las segundo as formações imaginárias e discursivas que são mobilizadas do interdiscurso para engendrar sentidos. É em vista dessas condições de produção marcadas na tessitura da obra em foco que se volta para seu ano de lançamento. Em 1937 foi publicado “Think and Grow Rich”, escrito por Napoleon Hill, cuja tradução livre é *Pense e enriqueça*. Entre os dois títulos – o da versão da publicação brasileira, *Quem pensa enriquece*, e a tradução literal do original, *Pense e enriqueça* – há diferenças de efeitos na criação de formações imaginárias (PÊCHEUX, 2010; ORLANDI, 2011). Quanto à proposital alteração na versão brasileira do nome da obra, é imprescindível considerar que “Os padrões tradutórios que venham a ser razoavelmente estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, incluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas” (VENUTI, 2002, p. 130).

Nessa perspectiva de observação crítica da passagem da versão de um título em inglês para o português brasileiro, é possível perceber que o processo de tradução é gestado por atravessamentos de diversas ordens, histórica, sociocultural, política, entre outras. Diante dessa constatação, cabe o exame da proporcionalidade restritiva existente nos sintagmas *Think and Grow Rich* e *Quem pensa enriquece* e, por conseguinte, suas relações discursivas. Dessa maneira, é relevante apontar que, há quase um século, *Think and Grow Rich* (HILL, 2020) está circulando no mercado editorial de livros norte-americanos e ascende, no Brasil, em meados de 2000 como *Quem pensa enriquece*. Eis dois elementos interiorizados em tais condições de produção segundo as quais o discurso do sucesso presente na literatura de autoajuda apresenta flexibilidade em sua materialização e difusão, já que, mesmo seu enquadramento discursivo preenchendo circuitos sociais relativamente distintos, isso não lhe impede seu funcionamento. Ora, o tempo e o espaço nos quais uma obra transita diz tanto dela quanto da formação social presente nesses, guardadas as devidas proporções, de modo que a virtualização dos sentidos carregados por sua estrutura discursiva passa a refletir a historicidade de suas condições de produção. Portanto, o fato de a versão brasileira de *Think and Grow Rich* ser *Quem pensa enriquece*, ao invés do literal *Pense e enriqueça*, exprime a adaptabilidade discursiva na qual os efeitos de sentido do sucesso, veiculados por textos inscritos na autoajuda, impõem-se às modificações derivadas da composição linguístico-textual.

O título, como um orientador de leitura que é (SOARES, 2017), imprime uma determinada *cadência* estruturante no encadeamento de sentidos lançados na materialidade do texto. Nesse traçado, *Quem pensa enriquece* cria o efeito de que qualquer um que faça a ação

proposta pelo primeiro verbo do título necessariamente torna-se rico, ao passo que *Pense e enriqueça* não possui o mesmo efeito de sentido, porquanto é um sintagma composto por duas sentenças verbais ligadas pelo conectivo *e*, ensejando o significado de adição de uma ação ao plano enunciativo da outra em função da linearidade expressa pela ordem de acordo com a qual estão dispostas as ações, pensar e enriquecer. Em vista dessa organização, cada título gera uma formação imaginária segundo a qual o leitor é colocado em uma posição diante do enriquecimento; diferentemente da possível versão mais próxima do significado original, *Quem pensa enriquece* insere-se na formação discursiva meritocrática (SOARES, 2018a; SOARES, 2020a) – por dizer para todos como alcançar o sucesso financeiro a partir do pressuposto de que qualquer um pode fazê-lo – e, ao mesmo tempo, engendra a formação imaginária do aspirante a rico. Essa, por sua vez, fundamenta como o sujeito leitor é expresso na discursividade do título e, conseqüentemente, como ele se vê, isto é, como alguém que, no interior do circuito social, não é rico, mas pode ser, caso *pense*.

Perante tal discursividade atualizada no nome da obra em sua versão brasileira, os dados apresentados na ficha catalográfica descrevem as áreas associadas ao nicho em que seus sentidos estão pretensamente filiados, sendo: 1) sucesso nos negócios; 2) sucesso e 3) autoajuda. Ao possuir esses três marcadores textuais em sua ficha técnica, o livro de Napoleon Hill (2020) é vinculado às produções discursivas circulantes no âmbito dos negócios, objetiva o alcance do sucesso e, para tanto, torna-se uma espécie de manual devido ao seu caráter de autoajuda. Segundo Soares (2020a), tal propriedade “segue o lastro discursivo das demais obras desse nicho literário. Por se tratar de um ‘manual’, seu efeito de imprescindibilidade é trazido à tona” (SOARES, 2020a, p. 48; aspas do autor) recursivamente, tanto no sentido do título – *Quem pensa enriquece* – quanto na própria composição de capítulos designados conforme o encadeamento linearizado de 1 a 13, como *passos para a riqueza*. Com quatorze capítulos, mas treze *passos para a riqueza*, apresenta um nome para cada um deles: 1) desejo; 2) fé; 3) autossugestão; 4) conhecimento especializado; 5) imaginação; 6) planejamento organizado; 7) decisão; 8) persistência; 9) o poder do mastermind; 10) o mistério da transmutação do sexo; 11) a mente subconsciente; 12) o cérebro; 13) o sexto sentido; e 14) como vencer os seis fantasmas do medo (esses dois últimos capítulos não se encontram como um dos *passos para a riqueza*).

Com base no panorama oferecido pelo sumário de *Quem pensa enriquece* em correlação aos elementos presentes em sua ficha catalográfica, é possível verificar que “Outro fenômeno mais frequente que os deslocamentos semânticos é a construção de uma isotopia a

partir de uma rede de termos que, sem se repetir, se retomam e se reforçam mutuamente” (AMOSSY, 2018, p. 176). Em vista dessa condição enunciativo-discursiva, pode-se afirmar que os sentidos e, conseqüentemente, os sujeitos de sucesso, no discurso existente na obra em questão, são constituídos e atravessados pelos indicadores tanto da ficha técnica quanto da descrição do nome dos *passos para a riqueza*, de modo que tal materialidade linguística passe a instituir uma isotopia (AMOSSY, 2018) do sucesso. Eis que tal expediente enseja a percepção de pré-construídos, ou seja, indícios de outros discursos cuja “construção permite que o que funciona como pré-construído *passse* sem discussão como uma base sobre a qual repousa o consenso” (ROBIN, 1977, p. 118; aspas da autora). Assim, através dos pré-construídos na rede isotópica do sucesso espreada na textualidade de *Quem pensa enriquece* é, então, possível detectar a mobilização interdiscursiva de sentidos, já que “o efeito de encadeamento do pré-construído (...) [é] determinado materialmente na própria estrutura do interdiscurso” (PÊCHEUX, 2009, p. 149), tal como pode-se ler tanto na seleção dos nomes dos capítulos quanto na sua própria descrição.

Com base nessa perspectiva interdiscursiva, ao avançar para o interior da obra, no primeiro *passo para a riqueza*, verifica-se o desejo como projeto do fio condutor dos sentidos aí textualizados, cuja síntese pode ser lida no trecho abaixo:

Você também deve ficar ciente de que nunca poderá ter grande riqueza a menos que consiga chegar a um estado de desejo abrasador por dinheiro e acreditar de verdade que o obterá. Deve ficar ciente ainda de que todo grande líder, desde o início da civilização até o presente, é um sonhador. Se você não vê grande riqueza em sua imaginação nunca a verá em seu saldo bancário (HILL, 2020, p. 17).

No capítulo denominado desejo, há uma circularidade no tocante ao significado de seu título e uma intensificação de seu emprego, como é possível averiguar na citação acima. Tais recursos enunciativo-textuais permitem a interlocução, por meio do interdiscurso, com o discurso subjetivista, segundo o qual o desejo interior é a fonte de potência do sujeito para mudar sua realidade financeira; os pré-construídos *desejo abrasador*, *sonhador* e *imaginação* são os primordiais responsáveis por engendrar a formação imaginária de um sujeito romântico³ que deve julgar-se capaz de imprimir no mundo seu desejo *abrasador* e *sonhador* “abrasador”, além de sua *imaginação* para alcançar a *grande riqueza*. Há ainda uma estreita vinculação dessa formação imaginária com a formação discursiva meritocrática cuja principal

³ Cabe explicitar o fato de que o sujeito romântico, aqui apontado, deriva de uma imagem espectral desenvolvida principalmente pelo movimento do romantismo. De acordo com a concepção de Schöpke (2010) sobre essa corrente filosófico-literária, “Sem princípios muito definidos, o romantismo deve ser visto mais como uma atitude vital diante da existência, uma reação das emoções e dos sentimentos contra a fria racionalidade que não considera os aspectos mais profundos do ser” (SCHÖPKE, 2010, p. 213).

das características é o apagamento (ORLANDI, 2007) das condições de existência dos sujeitos leitores, fundamentando, com isso, as condições de produção da formação imaginária do sujeito romântico, uma vez que “A ‘distância’ é considerada pelos Românticos como um meio que favorece os sonhos voluptuosos” (ABBAGNANO, 2007, p. 45; aspas do autor) com relação ao objeto de desejo. Esse, por sua vez, parafraseado na descrição extensiva do querer uma *grande riqueza*, convoca imagens historicamente criadas, como *grande líder e sonhador*, para deslocar os sentidos aí contidos e, por meio desse expediente, lançar os efeitos da *grande riqueza* textualizada no *saldo bancário*.

Mesmo não sendo explicadas as propriedades objetivas do desejo, tampouco como sua performance funciona, esse é o *passo* inicial de *Quem pensa enriquece*. Na toada dos *passos para a riqueza*, o capítulo primeiro chama-se *fé*, cuja pré-construção remonta o discurso religioso e da qual extrai sentidos para modificá-los segundo a ordem do discurso do sucesso. Provas de tal ancoragem e sua remodelagem discursiva podem ser percebidas pela assertiva de Sweetman (2013) na qual, para explicar o vínculo entre fé e a fundamentação da religião, afirma que “Um religioso baseia muitas coisas na fé, mas espera que seja uma fé racional (e não uma fé irracional)” (SWEETMAN, 2013, p. 18). Diante dessa relação teórica entre fé e razão existente no interdiscurso, o segundo *passo para a riqueza* estrutura-se com base na descrição dos efeitos da fé para obtenção da riqueza, de modo a auto parafrasear-se, ao mesmo tempo, reproduzindo a circularidade argumentativa verificada nesse primeiro capítulo. Com tal traçado em perspectiva, o excerto a seguir possui os principais efeitos de sentido capitaneados na materialidade textual do segundo *passo*.

Uma mente dominada pelas ações positivas torna-se propícia ao estado mental conhecido como fé. Uma mente sobre tal domínio pode dar instruções à vontade para o subconsciente, que as aceitará e agirá de acordo imediatamente (HILL, 2020, p. 23-24).

O plano argumentativo no qual se assenta o processo de textualização da fé, como é possível ler acima, marca o discurso subjetivista em que a vontade do sujeito é condicionante para as mudanças em sua vida. A fé, como *estado mental*, parece distanciar-se do domínio religioso segundo o qual seu funcionamento está ligado à crença frente ao desconhecido, derivado de uma organização superior do mundo. Do ponto de vista psicológico, não há maneira mais precisa para descrever o fenômeno da fé do que como um estado mental. Portanto, o encadeamento argumentativo no trecho opera um deslocamento parcial ao definir fé e, simultaneamente, voltá-la para o campo das ações positivas e, posteriormente, para dar *instruções à vontade para o subconsciente*. Desse modo, a formação imaginária disposta no

processo textual-argumentativo, na citação acima, é a do crente cuja visão permite-lhe controlar seus *desejos* internos a fim de que possa tornar-se senhor até de seu *subconsciente* para chegar à riqueza. Essa formação imaginária é, no interdiscurso, vinculada prioritariamente à formação discursiva meritocrática cujo núcleo é o apagamento (ORLANDI, 2007) das condições de existência do sujeito em favor de sua própria autoelevação no circuito social no qual se encontra, tal como, guardadas as devidas diferenças, o “efeito Münchhausen”, “colocando o sujeito como a origem do sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 144).

No horizonte da centralidade do sujeito, mediante à formação imaginária do crente inserida na formação discursiva meritocrática, *fé e desejo*, na textualidade da obra, compõem a isotopia (AMOSSY, 2018) argumentativa do discurso do sucesso, bem como *autossugestão*, o terceiro *passo para a riqueza*. Eis a implementação de um pré-construído (ROBIN, 1977; PÊCHEUX, 2009) segundo o qual a formação imaginária do crente, veiculada pela formação meritocrática, dispõe-se com todo o seu despojamento contemporâneo através do sintagma *autossugestão*. Em face da ancoragem do discurso do sucesso financeiro no subjetivismo, tem-se aí sua contrapartida material envolvendo as condições de produção de vida que, segundo Han (2017), refletem o funcionamento do circuito social no qual “O sujeito de desempenho explora a si mesmo do modo mais efetivo, quando se mantém aberto para tudo” (HAN, 2017, p. 96). Nesse direcionamento, a *autossugestão* parece ser uma ferramenta de considerável relevância para *Quem pensa enriquece*, haja visto proporcionar ao sujeito leitor a integral responsabilidade por seu enriquecimento, com o seguinte aconselhamento:

A transmutação de desejo em dinheiro envolve o uso da autossugestão como meio de alcançar e influenciar a mente subconsciente. Os outros princípios são apenas ferramentas para aplicar a autossugestão. Mantenha a esse pensamento em mente para estar sempre consciente do importante papel da autossugestão no esforço para acumular dinheiro conforme os métodos descritos neste livro (HILL, 2020, p. 40).

Na tessitura do trecho acima, é possível verificar o funcionamento da formação imaginária do crente, engendrada pela formação discursiva meritocrática e, sobretudo, o apagamento (ORLANDI, 2007) das condições materiais de existência do leitor, pois a *autossugestão*, tal como descrita, isola o sujeito da sua relação com suas condições de vida dependentes do circuito social no qual se encontra para, com esse expediente, criar o “efeito Münchhausen” (PÊCHEUX, 2009, p. 144), ou seja, para fabricar a ilusão de que o sujeito, além de hegemônico, constitui o centro de si. Portanto, outro apagamento, agora de ordem psicológica, emerge do processo discursivo presente na textualidade-argumentativa do terceiro *passo para a riqueza*, qual seja, a estrutura inconsciente segundo a qual todo sujeito

opera e para a qual a *autossugestão* não ultrapassa, mutatis mutandis, os limites de um diálogo consigo, servindo, em alguns casos, como suporte no processo terapêutico, mas incapaz de transformar-se *no esforço para acumular dinheiro*. Tal apagamento discursivo parece constituir parte da estrutura do discurso do sucesso na literatura de autoajuda (SOARES, 2017, 2018a, 2021, 2022), uma vez que sua recorrência é um indício do deslocamento das condições materiais de produção da vida para condições ideais de aspiração, como se pode verificar no quarto capítulo intitulado *conhecimento especializado*.

O *passo para a riqueza* posterior ao da *autossugestão* é o do *conhecimento especializado* no qual, ao contrário dos anteriores, não parece haver um pré-construído definido, ensejado pelo nome que lhe é dado, porquanto existe na construção do sintagma o desempenho semântico da vagueza que, de acordo com Cançado (2015), refere-se à “ideia geral de que [...] o contexto pode acrescentar informações que não estão especificadas no sentido” (CANÇADO, 2015, p. 66) expresso pela construção linguística, de modo que os encadeamentos articulados dos significados antecedentes e subsequentes possam preencher a vagueza. O contrário desse fato contextual ocorre nesse quarto capítulo em que o *conhecimento especializado* não recebe sua determinação descritiva, tal como se pode certificar no trecho seguinte:

A pessoa que para de estudar apenas porque conclui o ensino escolar está irremediavelmente condenada à eterna mediocridade, não importando qual seja sua vocação. O caminho do sucesso é o caminho da busca contínua de conhecimento (HILL, 2020, p. 46).

Eis que o *conhecimento especializado* é voltado para o estudar, no excerto acima, para criar a aderência ao senso-comum, em função de ser um consenso quase universal de que os estudos são os meios mais frequentes e comuns para se alcançar a ascensão social. Desse modo, o interdiscurso – região na qual o conjunto de discursos partilhados pelo coletivo reside, acionado através da mobilização da formação discursiva meritocrática – materializa-se na conexão do sucesso ao estudo, reproduzindo, mais uma vez, a formação imaginária do crente que deve estar disposto a *estudar* até encontrar o *conhecimento especializado*, pois “O caminho do sucesso é o caminho da busca contínua de conhecimento”, conforme o próprio excerto. Nesse horizonte textual-argumentativo, a associação entre sucesso e conhecimento, operada pela formação discursiva meritocrática, assenta-se no discurso social⁴ que, conforme postula Angenot (1999), “na coletiva coerência e unidade de sua hegemonia, abarca um

⁴ O discurso social, aqui, deve ser lido como o ponto do consenso de formações discursivas *antagônicas*, de maneira que sua operacionalização seja inevitavelmente derivada do funcionamento do interdiscurso.

princípio de comunhão e de convivialidade. Ele [o discurso social] representa a sociedade como um conjunto inteligível e como um convívio dóxico” (ANGENOT, 2012, p. 57; tradução nossa). Ora, por mais detratores que os estudos possuam, não é preciso concordar com a assertiva de Hill (2020) acerca de sua função de relevo no circuito social para todos tomarem os estudos, tanto em sentido amplo quanto em sentido especializado, como benéficos, salvo raríssimas exceções.

Entretanto, a falácia (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996) está na aliança entre sucesso e estudo como sendo esse o caminho necessário para aquele, já que não se verifica em todos os bem-sucedidos financeiramente essas condições. Por isso, é possível afirmar que a composição textual na qual o sucesso, como aspecto financeiro, é explicitado, enreda-se na circularidade do discurso do sucesso presente na obra de autoajuda, *Quem pensa enriquece*, porquanto a isotopia concebida em seu interior textual-argumentativo, remetendo-se frequentemente, dissolve-se no discurso social (ANGENOT, 2012), como no caso de estudo parafraseado por *conhecimento especializado*. De forma relativamente similar, o quinto *passo para a riqueza* envereda-se pelo caminho da circularidade ao ser intitulado *imaginação* e iniciar-se por dizer que essa é o lugar privilegiado de criação. O parágrafo inicial do capítulo é o seguinte:

A imaginação é a oficina onde são moldados todos os planos criados pelo homem. Dizem que o homem pode criar qualquer coisa que consiga imaginar. De todas as eras da civilização, esta é a mais favorável para o desenvolvimento da imaginação, porque é uma época de mudanças rápidas. Por toda a parte podemos entrar em contato com estímulos que desenvolvem a imaginação (HILL, 2020, p. 47).

Acima, a *imaginação* é descrita de maneira um tanto quanto circular e, ao mesmo tempo, sua argumentatividade volta-se para o favorecimento do momento em que o texto fora produzido – eis que as condições de produção imediatas ao processo enunciativo emergem seletivamente – para fundamentar a importância do papel da imaginação. O tom professoral impresso no trecho enseja as formações imaginárias do leitor, como aluno, e do enunciador, do enunciatário como instrutor. Essas imagens são selecionadas através do funcionamento do discurso social (ANGENOT, 2012) presente no interdiscurso, pela relação entre ensinar e apreender (ORLANDI, 2011). Logo, o objetivo, já manifesto no título da obra, *Quem pensa enriquece* é o de possibilitar enriquecimento ao leitor por meio de estratégias – discursivizadas não apenas no excerto acima, mas em todo o texto – que o façam pensar. No entanto, apontar a *imaginação* como um *passo para a riqueza* mais robustece a isotopia (AMOSSY, 2018) do discurso do sucesso do que proporciona qualquer tipo de

aconselhamento, dada a própria argumentatividade circular que quase nada diz de sua aplicação prática. E, como consequência do funcionamento semântico-discursivo de *imaginação*, capacidade fundamentalmente individual, seu emprego, tal como moldado pela citação de Hill (2020, p. 47), ancora-se na formação discursiva meritocrática consoante ao isolamento do sujeito produtivo no circuito social no qual se encontra e para o qual o discurso do sucesso na leitura de autoajuda parece encaixar-se. É nessa configuração que o sexto *passo para a riqueza*, o *planejamento organizado*, traz mais uma incursão no jogo argumentativo no qual se alicerça a produção dos sentidos e sujeitos do sucesso, já que, como se pode ler abaixo, o potencial explicativo beira a nulidade.

Se o primeiro plano que você adotar não for bem-sucedido, substitua-o por um novo; se o novo plano falhar, substitua-o por outro, e assim por diante até encontrar um plano que funcione. Lembre-se de que, quando os planos falham, a derrota temporária não é um fracasso permanente. Pode significar apenas que os planos não eram sólidos. Monte outros planos e recomece (HILL, 2020, p. 53).

Acima encontra-se um excerto do capítulo nomeado pelo sintagma *planejamento organizado* cujo traço marcante é a redundância composicional em função do campo de significado abarcado pelo primeiro item lexical do conjunto que, em boa medida, compreende o do segundo, usado provavelmente com a finalidade de enfatizar determinadas propriedades semânticas de seu antecedente. Nesse tipo de jogo linguístico, segundo Paveau, a “plasticidade possibilita que os agentes brinquem com os valores das palavras, que só são lidas e inscritas nos discursos a partir do ambiente” (PAVEAU, 2015, p. 326). Tal procedimento, existente em nível microssintático, preenche a significação da citação supracitada com a circularidade argumentativa, existente em nível macro textual, resultando na estratégia conhecida por muitos profissionais do magistério como *encher linguiça*. A prova do emprego desse recurso pode ser percebida pela síntese parafrástica do trecho sob análise, qual seja, *tente até conseguir*. Como consequência discursiva da utilização desse artifício, tem-se a constituição das formações imaginárias do professor que, sem saber do objeto que ensina ou sem desejar mostrá-lo, descreve um *planejamento organizado*, e do aluno que, desconhecendo como *Quem pensa enriquece*, compra o livro com base em suas necessidades e anseios, encadeamentos sintático-semânticos que se constituem como verdades pelo próprio estatuto de funcionamento da língua. Em outros termos, a facilidade parece ser atrativa, sobretudo quando se diz respeito ao mundo do sucesso financeiro derivado dos efeitos de uma formação discursiva conservadora dos componentes estruturantes do circuito social no qual tais formações imaginárias, dispostas no trecho acerca do *planejamento organizado*, reverberam ao ponto de produzir sujeitos engajados em torno dos efeitos do sucesso.

Estratagema similar (quanto à forma e ao conteúdo) é desenvolvido no sétimo *passo para a riqueza*, intitulado *decisão*, como é possível ler abaixo em seu parágrafo final.

Firmeza de decisão sempre requer coragem, às vezes muita coragem. A pessoa que chega a uma decisão firme de procurar um emprego específico e fazer a vida pagar o preço que ela pede aposta sua liberdade econômica. Independência financeira, riqueza, negócios desejáveis e posições profissionais não estão ao alcance da pessoa que negligencia ou se recusa a esperar, planejar e exigir essas coisas (HILL, 2020, p. 82).

Essa citação, no encadeamento argumentativo-textual das definições de *decisão* como um ato individual e necessária para o enriquecimento, deixa ver como outro *passo para a riqueza* é produzido através da circularidade inoculada pela perífrase, uma vez que o dizer prolixo serve mais para programar, para seu autor, uma formação imaginária detentora de conhecimento do que para explicar um determinado assunto sob uma ótica. Por esse ângulo, a seleção de itens lexicais – *desejo, fé, autossugestão, conhecimento especializado, imaginação, planejamento organizado e decisão* – para compor os nomes dos *passos para a riqueza* não é sem razão relacionada à abertura semântico-discursiva impressa nesses cuja marcação *aceita*, sem grandes problemas, uma multiplicidade de sentidos conduzida de acordo com a formação discursiva em que se inserem. Portanto, a *decisão*, além de integrar a isotopia (AMOSSY, 2018) argumentativa do discurso do sucesso em *Quem pensa enriquece*, tal como descrita no excerto em questão, é estruturada pelos pré-construídos *liberdade econômica, independência financeira, riqueza, negócios desejáveis e posições profissionais* cujo discurso fundante de seus efeitos é o liberal para o qual o livre mercado organiza, grosso modo, a configuração econômica conforme a disposição meritocrática das riquezas existentes no interior do circuito social. Em consequência dessa situacionalidade histórica e sua construção coletiva nos processos comunicativos, a formação discursiva meritocrática, cuja principal marca é o apagamento (ORLANDI, 2007) das condições de existência do sujeito leitor, arregimenta tais pré-construídos presentes no interdiscurso, projetando-os no interlocutor, ao ofertar-lhe mais um de seus expedientes circulares, a formação imaginária do aspirante a rico, desprovido do instrumental fornecido pela descrição da *decisão* como *passo para a riqueza*. O assentamento desse processo disseminador de sentidos e sujeitos, no âmbito da referida obra, parece ser facilitado pela ancoragem da isotopia do sucesso no discurso social (ANGENOT, 2012) cujas propriedades dóxicas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996) são aglutinadoras de efeitos com maior capilaridade social. Esse artifício, como integrante da materialidade textual com sua contrapartida virtual no discurso, também pode ser constatado no oitavo *passo para a*

riqueza nomeado *persistência* e do qual o trecho a seguir, como uma forma de síntese de seu conteúdo abordado, faz parte.

Falta de persistência é uma fraqueza que pode ser superada com esforço, dependendo inteiramente da intensidade do desejo do indivíduo. Desejos fracos produzem resultados fracos, da mesma forma que o fogo fraco produz pouco calor. Se você descobre que lhe falta persistência, essa fraqueza pode ser reparada pela construção de um fogo mais forte sob seus desejos (HILL, 2020, p. 84).

Pode-se constatar mais uma vez a presença da circularidade argumentativa que, por sua reincidência sistemática, constitui-se em *modus operandi* da textualização do discurso em *Quem pensa enriquece* ensejada pela abertura semântico-discursiva dos componentes isotópicos (AMOSSY, 2018) do sucesso, como no caso de *persistência*. Por meio dessa estratégia argumentativo-discursiva, o atravessamento do discurso subjetivista faz-se um modulador interdiscursivo das possibilidades de criação de efeitos de sentidos cuja integração na formação imaginária, tal como produzida no trecho acima, é a de um sujeito leitor responsável por seu atual fracasso em seu enriquecimento financeiro por *falta de persistência* e por *desejos fracos* “da mesma forma que o fogo fraco produz pouco calor” (HILL, 2020, p. 84). Na toada parafrástica de assertivas como o *frio esfria* e o *calor esquenta*, a formação discursiva meritocrática, na qual está inserido o fragmento correspondente ao oitavo *passo para a riqueza*, atribui aos interlocutores, através do apagamento (ORLANDI, 2007) das condições de existência, o encargo de empenhar a *persistência* para alcançar o sucesso financeiro. Desse modo, segundo Sorj (2004), o sujeito atualmente, como o discurso do sucesso vem demonstrando nesta análise, é “Responsabilizado por seu destino, já que teria a liberdade de refazer sua história de vida, seria também responsável por seus fracassos e problemas” (SORJ, 2004, p. 50). Tal supressão da complexa dinâmica existente no interior do circuito social, envolvendo história, política, economia entre outras esferas da atividade humana, fundamenta a facilidade da aceitação e da aderência dessas construções oriundas do discurso do sucesso. Eis que, nessa conjuntura, “Um sujeito ‘cego’ da situação política, econômica e social na qual vive certamente é alvo do idealismo subjetivista cuja importância mor reside no ‘eu’” (SOARES, 2017, p. 203; aspas do autor). Por conseguinte, nesse horizonte tracejado pela descrição interpretativa da *persistência* em sua materialidade textual exposta no excerto, encontra-se novamente o “efeito Münchhausen”, “colocando o sujeito como a origem do sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 144), de maneira a fabricar o efeito de potência inoculado na formação imaginária do leitor. Nada tão diferente, quanto à forma e ao

conteúdo, é desenvolvido no nono *passo para a riqueza, o poder do mastermind*, como é possível ler no parágrafo abaixo.

Poder pode ser definido como um conhecimento organizado e dirigido de forma inteligente. Poder, como o termo é usado aqui, refere-se a esforço organizado, suficiente para capacitar o indivíduo a transmutar desejo em seu equivalente monetário. Esforço organizado é produzido por intermédio da coordenação de esforços de duas ou mais pessoas que trabalham por um fim definido, em espírito de harmonia (HILL, 2020, p. 93-94).

É relevante destacar que o sintagma que dá nome a esse *passo para a riqueza* possui um elemento não vertido para o português brasileiro, *mastermind*, cujo correspondente linguístico no idioma tupiniquim é *mentor*, salvo contextos excepcionais. A não tradução desse item lexical ocasiona, em sua composição sintagmática, intrincados pré-construídos dissolvidos na malha textual do trecho acima ou mesmo ao longo de toda a obra, pois, para além de deixar mais atrativo o título do capítulo, esse recurso mobiliza o efeito de descoberta, sobretudo ligado ao emprego de *poder*, por sua colocação sintático-argumentativa, como uma de suas especificidades. Em vista desse arranjo e da orientação que imprime no sentido do texto, pode-se dizer que o nono *passo para a riqueza* trata-se de explicar o *mastermind* e, para tanto, é utilizado o procedimento de circularidade textual na qual o encadeamento de noções – como *poder*, *conhecimento organizado* e *esforço organizado* – não carrega razão determinativa suficiente para uma exposição argumentativa de quais significados são efetivamente mobilizados para a materialidade textual, de forma que a vagueza semântica (CANÇADO, 2015) presente em tais sintagmas figure na ordem do discurso do sucesso, como uma expressão da circularidade, presente em *Quem pensa enriquece* (HILL, 2020). Desse modo, favorece-se a instauração das mesmas formações imaginárias dos interlocutores examinadas anteriormente, do professor, sujeito responsável pela organização enunciativo-textual, e do aluno, sujeito leitor, que se reportam para configurar o descobrimento dos sentidos do *poder do mastermind*. Ao contrário de até então, em que a formação discursiva meritocrática expressa fomentava o individualismo, agora há “coordenação de esforços de duas ou mais pessoas que trabalham por um fim definido” cujo efeito pode ser o enriquecimento dos envolvidos nesse processo. Portanto, como é possível perceber na citação acima, a formação discursiva meritocrática, no interior do complexo do interdiscurso, possui variações com relação à constituição do sujeito textualizado, podendo ser individualista ou coletivista. No entanto, nessa última configuração ainda sim deve haver competição baseada na recompensa por mérito particular, uma vez que os recortes anteriores demonstraram, por meio da fabricação de seus *passos*, a importância de comportamentos do sujeito isolado de

seu circuito social. Esse expediente continua acentuado no décimo *passo para a riqueza – o mistério da transmutação do sexo* – em que a citação abaixo representa sua síntese.

Sexo sozinho é um poderoso impulso para ação, mas sua força é frequentemente incontrolável. Quando a emoção do amor começa a se misturar à emoção do sexo, o resultado é a calma de propósito, postura, precisão de julgamento e equilíbrio. Amor, romance e sexo são emoções capazes de levar um homem ao auge da super-realização (HILL, 2020, p. 103).

Nesse trecho, pode-se verificar que *o mistério da transmutação do sexo* parece ser algum tipo de relação entre *amor, romance e sexo*, contudo, mais do que a aproximação argumentativa empreendida com esses itens lexicais, não é encontrada em todo o capítulo uma exposição explicativa do funcionamento dessa associação. Por força da circularidade textual, propagada pela perífrase recorrente em toda a obra, o efeito do pré-construído da iniciação ao *mistério*, inoculado pelo título do *passo*, recebe a manutenção das conexões corporificadas em sintagmas nos quais predomina a vagueza semântica (CANÇADO, 2015), como, por exemplo, *amor, romance, super-realização* entre outras. Por essa configuração, a formação imaginária criada para os interlocutores é a do sábio, sujeito responsável pela organização enunciativo-textual, e a do neófito, sujeito leitor, que se complementam na dinâmica discursiva expressa pelo excerto acima. Para a veiculação dessa disposição de imagens e seus efeitos, a formação discursiva conservadora, prevalente na estrutura organizativa da citação, projeta as marcas indiciais na materialidade textual, já que é próprio de toda formação discursiva dissimular a objetividade dos sentidos (PÊCHEUX, 2009), do princípio disciplinador do sexo que se encaixa na “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição” (FOUCAULT, 2001, p. 31). É, portanto, através do jogo argumentativo-textual do equilíbrio do sexo, com sua mescla no *amor* e no *romance*, que a formação discursiva conservadora faz a manutenção da normatização do uso do sexo, de modo que seu *poderoso impulso para ação*, sua *força frequentemente incontrolável* gravita em torno da *super-realização* cuja retomada, no interdiscurso, é o sucesso financeiro do qual trata o livro e a grande maioria das obras da literatura de autoajuda (SOARES, 2016, 2017, 2018, 2020a, 2021). Assim, um mecanismo discursivo de contenção do sexo (FOUCAULT, 2001), aveludado pelo manto do *mistério*, é desenhado como um *passo para a riqueza* estruturante do efeito de sentido do livro, bem como o é o décimo primeiro capítulo intitulado *a mente subconsciente* do qual o trecho a seguir faz parte.

Todos os pensamentos que se pretende transmutar em equivalente físico, plantando-os voluntariamente no subconsciente, devem passar pela imaginação e se misturar com fé. A mistura de fé e plano ou objetivo a ser submetida ao subconsciente só pode ser feita pela imaginação (HILL, 2020, p. 109).

Pode-se ler acima o mesmo procedimento de circularidade textual, ancorada na vagueza semântica (CANÇADO, 2015) de certos itens lexicais como, *subconsciente*, *fé* e *plano*, empenhado ao longo de praticamente toda a obra para, sem explicar efetivamente coisa alguma, abordar temas relativamente amplos, bem como *a mente subconsciente* cuja atratividade parece residir justamente na *áurea* esotérica infundida pela sua construção sintagmática. Nela, o pré-construído, marcado pelo determinador *a* (SOARES, 2016, 2017, 2018a, 2021), retira do interdiscurso quaisquer opções de outras *mentes subconscientes* para destacar aquela de conhecimento geral, calcada no discurso social (ANGENOT, 2012), segundo o qual todos possuem algum tipo de noção, mas não sabem mais profundamente, tal como o efeito de sentido engendrado pelo título do décimo primeiro *passo para a riqueza* faz parecer. Nesse mesmo direcionamento, mais uma vez a formação discursiva meritocrática, atravessada pelo discurso subjetivista, formata o espaço de atuação isolada do sujeito em seu circuito social ao mesmo tempo em que gera as formações imaginárias do senhor detentor do saber, responsável pela organização enunciativa-textual, e a do discípulo, leitor, que deverá colocar em prática os ensinamentos recebidos para alcançar o sucesso econômico, ou seja, enriquecer. Em consequência do lastro da formação discursiva meritocrática, as condições reais de produção da vida do sujeito leitor são abandonadas, como parece ser parte do funcionamento dessa formação discursiva presente em textos da literatura de autoajuda, para legar a esse a responsabilidade de, através do uso de instruções como “Todos os pensamentos devem passar pela imaginação e se misturar com fé” (HILL, 2020, p. 109), ou seja, conquistar a riqueza com o usufruto de *a mente subconsciente*. Portanto, o penúltimo *passo para a riqueza*, para além de envolver o traçado da circularidade textual, robustece a isotopia (AMOSSY, 2018) do sucesso, como o capítulo anterior fez mediante o emprego de sexo em *o mistério da transmutação do sexo* em seu trecho sob análise. Com mais um elemento cuja vagueza semântica (CANÇADO, 2015) reverbera uma multiplicidade de efeitos oriundos do interdiscurso, de modo que seu caráter esotérico é, em boa medida, mantido, sobretudo pela citação acima. De maneira um tanto quanto distinta, o décimo segundo e último *passo para a riqueza – o cérebro* – apresenta-se por meio do seguinte parágrafo.

Quando o cérebro vibra em uma frequência rápida, não só atrai pensamentos e ideias liberados por outros cérebros, como também fornece aos pensamentos do indivíduo

o sentimento essencial antes de tais pensamentos serem captados e postos em prática pela mente subconsciente (HILL, 2020, p. 114).

Há acima uma analogia do cérebro com um transmissor-receptor de sinais de frequências distintas que dependem de como o órgão *vibra* pensamentos para usufruir o que produz e o que recebe, realçando, por meio desse expediente textual, o caráter individual do *passo* e, por conseguinte, a difusão da formação discursiva meritocrática extraída do interdiscurso, que dessa vez não vem marcada pela perífrase. Nesse diapasão, a formação imaginária construída para o leitor é a do sujeito que, de posse do instrumento mais importante, será capaz de utilizá-lo adequadamente para chegar à almejada riqueza, comprovando a eficácia do próprio nome da obra, *Quem pensa enriquece*. Desse ponto de vista, o último *passo para a riqueza* coroa o tecido argumentativo fundamentado na formação discursiva meritocrática, que possui o apagamento (ORLANDI, 2007) das condições sociais e históricas de existência do sujeito como um de seus principais traços, e, a um só tempo, insere mais um elemento à rede isotópica (AMOSSY, 2018) do discurso do sucesso, sendo esse praticamente o único dessa teia presente no livro que não possui vagueza semântica (CANÇADO, 2015). Com isso, o dito sobre *o cérebro*, como textualizado no trecho, ancora sua produção no discurso social (ANGENOT, 2012) para aproveitar-se do consenso existente da aproximação entre o órgão fisiológico com um aparelho transmissor-receptor e, por meio desse recurso, consegue uma adesão bastante significativa não somente por parte de seu público leitor. Em vista desse funcionamento e do enfoque em *o cérebro*, tal como o desenvolvido no excerto supracitado, o “efeito Münchhausen” (PÊCHEUX, 2009) é acionado para fabricar a ilusão de que o sujeito, uma construção sócio-histórica (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2011), é a origem de si, ao observar os passos que precisa dar para atingir o sucesso financeiro dentro do circuito social no qual se encontra. Portanto, sem entrar no mérito científico de se um cérebro *vibra* ou capta “pensamentos e ideias liberados por outros cérebros” (HILL, 2020, p. 114) sem um uso de linguagens, é preciso salientar o indício de que essa possível apreensão possa ser um dos meios de relação entre os sujeitos (e sentidos) do discurso do sucesso (SOARES, 2016, 2017, 2018a, 2021), mesmo que essa não seja consentida, para atingir a riqueza, porquanto, se pensamentos podem ser adquiridos dessa forma, é necessário redobrar, para além de todos os demais problemas aí envolvidos, os cuidados com o que se pensa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender como os múltiplos sentidos de sucesso são construídos e, ao mesmo tempo, a forma com que criam imagens de sujeitos que os consomem, empreendeu-se na obra *Quem pensa enriquece*, de Napoleon Hill (2020), tomada aqui como um exemplar no qual o discurso de sucesso perfaz um caminho textual, uma análise segundo a qual os preceitos da Análise do Discurso foram postos em marcha através do batimento qualitativo-metodológico entre descrição e interpretação (ORLANDI, 2011, 2012). Assim, mirando o encontro entre os sujeitos e sentidos fabricados como efeitos do discurso do sucesso presente no referido material, pôde-se deslindar, mais do que esses, seus mecanismos de produção por meio dos quais a disseminação e aderência desses efeitos tornam o sucesso não apenas altamente atrativo ao grande público, mas também um nicho comercial de fácil divulgação de ideias já concebidas no interior do discurso social (ANGENOT, 2012), de tal forma que o expediente empregado para a difusão dos sentidos e sujeitos (re)produzidos pelo discurso do sucesso na obra em questão, como foi possível verificar, torna-se prene de circularidade textual e, logo, aberto à própria autorreferencialidade.

O conjunto de formações imaginárias expresso na discursividade da obra retrata as relações desiguais, cuja principal característica reside nas imagens do senhor, detentor do conhecimento, e do aprendiz, aspirante a rico, existentes entre os sujeitos no circuito social, de tal modo que a formação discursiva na qual essas são predominantemente encaixadas é, por força do lastro ideológico e de seu aparato argumentativo-textual, a meritocrática. Nessa, os sentidos e sujeitos são direcionados, como foi possível detectar por meio da análise, ao estado no qual as condições de produção de existência dos sujeitos leitores são apagadas (ORLANDI, 2007) em função do resgate das formações imaginárias, do complexo interdiscursivo, a serviço da proliferação recursiva da própria meritocracia. De acordo com a impreterível compreensão conjuntural de Souza (2018), “A meritocracia é um ponto nodal do mecanismo de identificação com as elites nacionais e estrangeiras, pois tende a santificar e legitimar o arranjo excludente dominante como sendo decorrente de uma competição social ‘justa’” (SOUZA, 2018, 140, aspas do autor). Em consonância com essa perspectiva segundo a qual o apagamento das desigualdades, com vistas a fundamentar o alicerce da meritocracia e, no caso de *Quem pensa enriquece*, a formação discursiva meritocrática como uma prática enunciativo-discursiva organizadora do discurso do sucesso, favorece a concorrência desleal

em busca de acumulação de recursos financeiros no interior de um sistema coletivo cujo valor nuclear é o poder advindo do dinheiro.

No horizonte da permeável atuação do mercado na produção de sujeitos e sentidos, em específico no discurso do sucesso exposto no texto de Napoleon Hill (2020), é também possível constatar que a literatura de autoajuda, em sua discursividade, subsidia a prática que se chama atualmente de *coach*, cujo funcionamento discursivo ainda carece de mais investigações, porém já demonstra indícios de, em boa medida, limitar-se a sofismar em diversos âmbitos do desempenho social. Todavia, diferentemente da literatura de autoajuda, com sua escrita acessível em uma miríade de livros com custo módico, o *coach* é uma seara na qual praticamente todas as plataformas de comunicação rendem-lhe circulação e, ao mesmo tempo, fazem-lhe talvez uma das práticas mais crescentes em número de adeptos nos tempos atuais. Tanto o *coach* quanto a literatura de autoajuda ligam-se à manifestação do discurso do sucesso em suas mais diferentes modalidades de disseminação, uma vez que se trata de uma forma de manutenção do status quo.

O “sucesso pode ser entendido como um mecanismo de controle, pois leva a uma condução de comportamentos” (SOARES, 2020a, p. 60) que, por sua vez, parece ratificar, de maneira indireta, o que dizem Adorno e Horkheimer (1985) com relação aos efeitos do mercado: “Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110). Em vista dessa vinculação entre sucesso e mercado, os sentidos e sujeitos presentes no discurso do sucesso são, então, articulados para representar performaticamente as inúmeras possibilidades de ascensão meritocrática no circuito social e, por meio desse atrativo expediente, angariar cada vez mais participantes para o teatro das ilusões.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANGENOT, M. **El discurso social**: los límites históricos de lo pensable y lo dicible. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

AMOSSY, R. **Argumentação no discurso**. Trad. Angela M. S. Corrêa [et. al]. São Paulo: Contexto, 2018.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANÇADO, M. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2ª ed. São Paulo: Contexto: 2015.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2ª ed. Trad. Fabiana Komesu *et. al.* São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade (I)**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa. Albuquerque e J. A. 14ª ed. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HILL, N. **Quem pensa enriquece**. Trad. Lúcia Brito e Mayã Guimarães. Porto Alegre: CDG, 2020.

MASI, D. D. **Uma simples revolução**. Trad. Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PAVEAU, M-A; SARFATI, G-E. **As grandes Teorias da Linguística** : da Gramática Comparada à Pragmática. Trad. Rosário Gregolin *et al.* São Carlos: Claraluz, 2006.

PAVEAU, M-A. **Linguagem e moral**: uma ética das virtudes discursivas. Trad. Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani *et. al.* 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et. al.* 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani *et. al.* 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ROBIN, R. **História e Linguística**. Trad. Adélia Bolle e Miralda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHÖPKE, R. **Dicionário filosófico**: conceitos fundamentais. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOARES, T. B. Discurso do Sucesso: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil contemporâneo. **Estudos Linguísticos**. v. 45, n. 3, p. 1082–1091, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/658>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SOARES, T. B. **Discursos do sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017.

SOARES, T. B. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, T. B. (Org.). **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, T. B. **Percurso linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, T. B. **Composição discursiva do sucesso**: efeitos materiais no uso da língua. Brasília: EDUFT, 2020a.

SOARES, T. B. Uma análise dos dizeres sobre a voz de sucesso midiático. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 62, n. 00, p. 1-17, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8654477>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SOARES, T. B. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da Análise do Discurso. In: BUTTURI JUNIOR, A.; BRAGA, S.; SOARES, T. B. (Orgs.). **No campo discursivo**: teoria e análise. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020c.

SOARES, T. B. Literatura de autoajuda: uma análise discursiva dos efeitos do sucesso na obra "O sucesso está no equilíbrio". **Humanidades & Inovação**. v. 8 n. 36, p. 20-30, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3162>. Acesso em: 12 de dez. 2022.

SOARES, T. B. **Percurso discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SORJ, B. **A nova sociedade brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

SOUZA, J. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SWEETMAN, B. **Religião**: conceitos-chave em filosofia. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2013.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin *et. al.* Bauru, SP: EDUSC, 2002.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

T. B. SOARES. O Sucesso na Autoajuda: Uma Análise Discursiva da Obra Quem Pensa Enriquece, de Napoleon Hill. **Rev. FSA**, Teresina, v. 22, n. 1, art. 9, p. 172-197, jan. 2025.

Contribuição dos Autores	T. B. Soares
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X